

## ***A Máquina de fazer espanhóis, de Walter Hugo Mãe: Qualquer discurso pode ser autoritário.***

Rosemary Gonçalo Afonso

*Paz sem voz, paz sem voz*

*Não é paz é medo!*

Marcelo Yuka (grupo O RAPP)

### **RESUMO:**

Análise do romance contemporâneo de Valter Hugo Mãe, destacando a convivência dos portugueses, através do silêncio, com o regime do ditador António de Oliveira Salazar. Observando o comportamento do protagonista no Lar de idosos para onde foi enviado, e atentos às suas memórias e reflexões, tecemos a conclusão que se adivinha pelo título do trabalho: o discurso do bem pode legitimar as ações mais condenáveis contra os direitos de qualquer cidadão.

**Palavras-chave:** Autoritarismo – Salazarismo – Portugal

### **ABSTRACT:**

Analysis of the contemporary novel by Valter Hugo Mãe, focusing on how the Portuguese population supported the dictatorial regime of António de Oliveira Salazar with their silence. By observing the behavior of the main character when he is sent to an elders' home, and attentive to the memories and reflections, we find the conclusion that can be expected with this work's title: the good will speech might legitimize and condemn actions against the rights of any citizen.

**Key words:** Authoritarian – Salazar - Portugal

Morta a companheira de uma vida, o Sr. Silva é levado para viver num lar de idosos, o Lar de Feliz Idade, onde, apesar de sua inicial resistência às tentativas de aproximação dos outros moradores, ele irá descobrir, aos oitenta e quatro anos de idade, o verdadeiro sentido da amizade.

Ao chegar, a solidão imposta pela ausência da esposa é potencializada pela decepção com a decisão dos filhos, pelos quais se sente abandonado:

a laura morreu, pegaram em mim e puseram-me aqui com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias. foi o que fizeram. depois, nessa mesma tarde, levaram o álbum porque achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder a minha mulher. depois, ainda nessa mesma tarde, trouxeram uma imagem da nossa senhora de fátima e disseram que, com o tempo, eu haveria de ganhar um credo religioso, aprenderia a rezar e salvaria assim a minha alma. (MÃE, 2010, p. 29)<sup>1</sup>

A ênfase atribuída, no início do romance, ao harmônico relacionamento que existia entre o casal sugere uma bela história de amor, mas o que se observa no decorrer da narrativa é a história do próprio país, uma reflexão sobre os condicionamentos impostos à população pelo regime autoritário implantado por António de Oliveira Salazar, o “paizinho” de todos os portugueses, como era chamado o ditador pelos seus simpatizantes.

O romance se caracteriza pelo tom confessional conferido pelo uso da 1ª pessoa. No percurso de revisão da sua história pessoal, a memória do protagonista o acusa de sua conduta covarde e acomodada, sempre justificada pela prudência, e sua consciência é o seu impiedoso algoz. Como marido que amava a esposa e os filhos sua preocupação foi a de proteger o seu núcleo familiar das arbitrariedades do governo, mas, como cidadão, ele foi conivente, incapaz de agir contra um perigo que não poderia ser resolvido senão coletivamente. Suas recordações de episódios domésticos, de conversas entrecotadas na sua barbearia e de sua traição ao revolucionário que ele mesmo havia evitado que fosse capturado pela PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), que se ocupava de garantir a permanência do sistema, recuperam uma época em que falar podia ser muito perigoso. E numa das conversas entre ele e o referido revolucionário, esse risco de falar livremente é posto em evidência:

sabe, senhor silva, é preciso que se suje o nome de salazar para todo o sempre, é preciso que o futuro lhe reserve sempre a merda para seu significado, para que os povos se recordem como foi que um dia um homem só quis ser dono das liberdades humanas, para que nunca mais

---

<sup>1</sup> A transgressão do código linguístico da língua portuguesa faz parte do estilo do autor: pontos e vírgulas são os únicos sinais de pontuação utilizados e as palavras são sempre grafadas com letra minúscula.

volte a acontecer que alguém se suponha pai de tanta gente. este tem de ser um nome de vergonha. o nome de um porco, para que ninguém, para a esquerda ou para a direita, volte a inventar a censura e persiga os homens que têm por natureza o direito de serem livres. e eu respondia-lhe, cala-te, miúdo, ainda me arranja umas férias nos calabouços. fica calado. (...) mas adoraria sentir coragem para me pôr ali aos berros também, mesmo exagerando, mesmo que dizendo parvoíces só pelo prazer de as poder dizer, de poder ajuizar por mim o que quisesse ajuizar. na minha barbearia. ao menos na minha barbearia. ao menos na minha casa. na minha casa e com a minha boca livre. é um porco. (MÃE, 2010, p.160)

Mas, assim como tantos outros, o Sr. Silva permaneceu em silêncio, e sem as vozes que se ouvissem contra o regime era como se estivessem todos satisfeitos com ele. No país reinava a paz; porém, como lembramos em nossa epígrafe “paz sem voz é medo”. Os mecanismos de controle da opinião pública levaram a população a temer a tudo e a todos. As proibições se multiplicavam e qualquer suposto amigo poderia ser um “PIDE”, visto que esses policiais não se identificavam.

Transpondo a frase de efeito “Orgulhosamente sós”, usada pela propaganda salazarista, para o âmbito do universo familiar, os portugueses se fecharam, contribuindo assim para o fortalecimento do sistema. E é nesse sentido que o autor questiona, através do romance, o mérito de um amor que paralisa, que não move o indivíduo, mas sim o impede de agir, como se percebe na seguinte declaração do Sr. Silva:

não creio que algum dia tenha sido suficientemente amigo de alguém. fui sempre um homem de família, para a família, e o meu raio de acção esgotava-se essencialmente na minha mulher, nos meus filhos, e nos meus pais enquanto foram vivos. mas os que não tinham o meu sangue estariam sempre desclassificados no concurso tão rigoroso dos meus sentimentos(...), eu e a laura fizemos a vida através de um padrão discreto de rebeldia. era uma rebeldia nenhuma, mas antes uma mágoa que não nos fazia agir contra nada nem contra ninguém, e só nos amargava as idéias os intentos dos outros, isto passava sobretudo pelo regime, claro, ao qual não desobedecíamos mas do qual não gostávamos particularmente. era uma prudência, como afirmávamos nas poucas conversas secretas em que mencionávamos entre os dois o assunto. e não foi o rapaz estudante, comunista e revolucionário, que ajudei um dia na barbearia, capaz de mudar algo na minha maneira de me preocupar com os outros. (MÃE, 2010, p.198-199)

A narrativa é reveladora no que se refere ao dia a dia dos portugueses durante o período em questão, e para perceber as referências do autor importa lembrar que Salazar pautou o seu governo em três pilares: Família, Estado e Religião. O antigo professor de Coimbra conseguiu organizar as finanças do país, o que lhe garantiu uma inesperada popularidade; mas essa não foi a única razão de sua longa permanência no poder: tendo usado a propaganda maquiavelicamente, e a repressão com eficácia, o regime manteve o povo português sob controle durante quase 50 anos (1926-1974). Nesse período, as únicas emoções que podiam ser demonstradas sem medo eram a rivalidade entre os times de futebol, a aclamação patriótica e o fervor religioso. Sendo assim, para além do próprio ditador, os ídolos desse período foram o jogador de futebol Eusébio, a fadista Amália Rodrigues e a milagrosa Nossa Senhora de Fátima; todos mencionados no decorrer da narrativa.

Isolados do resto do mundo por uma política que defendia o orgulho da pobreza e a virtude da obediência, esses ícones eram o ópio do povo, apascentados, domado e ingenuamente felizes:

parecíamos um grande cenário de legos, pobrezinhos mas tão lavadinhos por dentro e por fora, a obedecer. divirtam-se, gentes da minha terra, não é desgraça ser pobre, punha-se a amália a dizer, e que numa casa portuguesa há pão e vinho e um conforto pobrezinho e fartura de carinho. (MÃE, 2010, p.156)

De melhor, o que houve na época foi o gênio de Fernando Pessoa, que inspirado num cotidiano insípido, criou um universo ficcional que pelo seu fingimento era altamente revelador. Pessoa é lembrado através da presença no Lar da Feliz Idade do carismático Senhor Esteves, que dizia ser o indivíduo que teria entrado no estabelecimento comercial imortalizado pelos versos do poeta, a “Tabacaria”.

Vítimas do atraso conferido pelo prolongado isolamento, o nacionalismo exacerbado não se justificaria, e o autor sugere que a lucidez dos portugueses revelaria uma identidade em crise, reflexo de um incômodo fascínio pela Europa, da qual a Espanha estaria muito mais próxima.

Antigo colonizador em diferentes continentes, na Europa, Portugal ocupa o lugar do colonizado, como explica Boaventura de Sousa Santos (SANTOS,

2001) no texto “Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade”, no qual demonstra a dificuldade dos Portugueses em se instalarem comodamente no espaço-tempo originário do próspero europeu, tendo vivido nesse espaço-tempo como que internamente “deslocados em regiões simbólicas que lhes não pertenciam e onde não se sentiam à vontade; objecto de humilhação e de celebração, de estigmatização e de complacência, mas sempre com a distância de quem não é plenamente contemporâneo do espaço-tempo que ocupa” (SANTOS, 2001, p.23-85).

Apesar da tentativa desesperada de manter as últimas colônias que possuía na África, sustentando anacronicamente a posição de colonizador, o salazarismo se transforma num mecanismo que reduz o país a um cenário sem perspectivas, sem liberdade, sem imaginação, e não poderia produzir senão o desejo de se estar num outro palco. Sendo assim, a máquina de fazer espanhóis são as mulheres portuguesas, que fazem portugueses. Ou seja, ser um português capaz de compreender a realidade do país é lamentar a independência, e perceber que Portugal estaria melhor se pertencesse à Espanha:

as mulheres portuguesas é que faziam os espanhóis. abriam as pernas e pariam-nos a todos, estes espanhóis enfeitados, arrependidos, com vontade de voltar a casa, para terem melhor casa, melhores salários, uma dignidade à grande e não esta coisa quase a tombar ao mar, como se cada vez mais pressionada contra a parede, a suicidar-se, cheia de saudades, remorsos, queixas e tristezas profundas. (MÃE, 2010, p.214)

Essa proposta merece um trabalho exclusivo, no qual se aproximem as ideias do autor com a de outros escritores célebres, como José Saramago e Joaquim Barradas de Carvalho. Tal perspectiva seria a análise esperada em função do título do romance. No entanto, nossas reflexões destacam a denúncia de Walter Hugo Mãe ao autoritarismo que pode estar perigosamente contido mesmo no discurso mais amistoso, aquele que promete nos salvar, nos confortar, enfim, nos fazer algo de bem. Se em algum momento houve alguma sinceridade no discurso do professor Salazar, o homem sucumbiu ao poder, assegurando pela força sua permanência, justificada pelos benefícios que proporcionava ao povo. Como explica o personagem:

o salazar foi como uma visita que recebemos em casa de bom grado, que começou por nos ajudar, mas que depois não quis mais ir-se embora e que nos fez sentir visita sua, até que nos tirou das mãos tudo quanto pôde e nos apreciou amaciados pela exaustão. (MÃE, 2010, p.203)

Para tratar desse aspecto recorreremos à metáfora contida na violência do Sr. Silva em relação a D. Marta, moradora do Lar que aguarda uma carta do marido mais jovem que a abandonara, na qual ele se desculpasse e suplicasse o seu carinho. Durante uma madrugada, embora sem ter planejado, o protagonista vai ao quarto da senhora que se assusta ao perceber sua presença e exige que ele saia. Tentando explicar que queria apenas falar de amor, o Sr. Silva torna-se violento quando percebe que aumentam de intensidade os pedidos de socorro da velha. Da mesma forma como o ditador precisa calar a população para ser ouvido, ele precisa que a senhora fique em silêncio para lhe falar do amor.

eu tinha de fazer alguma coisa. repetia aquele apelo louco. venho falar-lhe do amor, preciso lhe falar do amor, da minha mulher, de como fiquei sozinho e me quero ir embora, e ela gemia sempre, gritando sob os cobertores coisas abafadas que ficavam em surdina e serviam para me deixar confuso e com medo, parecia que o impasse se adensava pelo lado mais impossível de resolver. como se viesse a ser mais complexo, mais exigente para com a minha dificuldade em pensar, em estar certo de que existia justiça naquele meu desespero de a procurar e querer trazer do silêncio uma pacificação. e sem saber o que fazer, fiz o pior. bati-lhe três vezes com a mão através dos cobertores. três pancadas fortes que se amorteceram na espessura das roupas da cama, e que foram suficientes para que ela ficasse imóvel petrificada com a agressão. o silêncio foi profundo em seguida, como casmurrantemente recusando-se a permitir um diálogo satisfatório. o silêncio tombou sobre nós como uma pedra sepultando para sempre a oportunidade de nos entendermos. (MÃE, 2010, p.49-50)

Observado em seu caráter metafórico, a cena questiona a legitimidade da imposição de qualquer discurso, ainda que o teor do mesmo seja de sentimentos nobres ou de promessas de melhorar a vida daqueles aos quais se dirige.

A violência vai se repetir quando, sonâmbulo, o Sr. Silva voltará ao quarto dessa mesma senhora e, dessa vez, irá matá-la com pancadas de um livro na cabeça (MÃE, 2010, p.188). O objeto utilizado é simbólico, uma vez

que o livro é facilmente associado à figura do professor. E também surpreende o fato do autor da agressão não se lembrar do que fez e, conseqüentemente, agir como se nada tivesse a ver com o homicídio.

Os dois episódios poderiam ser explicados pelo viés psicológico como um “assalto” à mente, um “sequestro neural”, como explica o psicólogo Daniel Goleman, em virtude de terem sido tão inesperados:

O sequestro ocorre num instante, disparando essa reação crucial momentos antes de o neocórtex, o cérebro pensante, ter a oportunidade de ver tudo que está acontecendo, e sem ter o tempo necessário para decidir se essa é uma boa idéia. A marca característica desse sequestro é que, assim que passa o momento, o cérebro ‘possuído’ não tem a menor noção do que deu nele. (GOLEMAN, s.d., p.28)

Porém, os mecanismos de repressão e o silêncio em relação às circunstâncias em que acontecem essa e outras mortes, superficialmente investigadas, são questionados também em outros “acidentes” ocorridos no Lar, visto metonimicamente como um país em extinção, no que há de bom e de mal, uma vez que aqueles velhos pertencem à última geração que vivenciou diretamente a ditadura. É a própria máquina repressora do Estado e a hipocrisia do mentor do sistema, com discursos que defendiam a paz, mesmo quando buscavam apoio para a manutenção da guerra nas colônias africanas, que estão em causa e não possíveis distúrbios psicológicos.

No último capítulo do romance, intitulado “as melhoras da morte”, o protagonista demonstra uma inesperada lucidez acerca das relações humanas, alcançada a partir de experiências aparentemente tão banais vividas no Lar, como se observa no fragmento abaixo:

nunca tinha percebido a vulnerabilidade a que um homem chega perante outro. nunca tinha percebido como um estranho nos pode pertencer, fazendo-nos falta. não era nada esperada aquela constatação de que a família também vinha de fora do sangue, de fora do amor ou que o amor poderia ser outra coisa, como uma energia entre pessoas, indistintamente, um respeito e um cuidado pelas pessoas todas. (MÃE, 2010, p.280-281)

No Lar, ele descobre o valor da amizade, quando finalmente entende que o seu conceito de amor e de família estiveram sempre equivocados e que,

antes de ser “por Portugal”, como pregava a propaganda fascista, ele deveria ter sido pelos portugueses:

pudesse eu estar para além da merda do homem amorfo que fora e superar as minhas expectativas. levar um pouco adiante um orgulho de ser mais do que português, ser pelos portugueses, ser pelas pessoas, por todas as pessoas, por todas as pessoas que tinham naturalmente as maneiras de pensar e só assim devia ser. (MÃE, 2010, p.157)

No lar, a consciência, “químico dos mais corrosivos” como define o Senhor Silva, era a máquina que o torturava, que o condenava por sua covardia, seu silêncio, sua convivência. Nos seus últimos momentos, não é de dor que se queixa, mas de angústia. E tendo a percepção da proximidade da morte, vislumbrada através da ilusão de uma assustadora máquina, ele precisa expor sua “descoberta”, verbalizar o ganho que representou a perda do seu amor, transformado no fim da sua vida em um amor muito maior, capaz de ultrapassar as fronteiras impostas pelo nacionalismo alienante, pelo paternalismo castrador ou por um romantismo egoísta:

aquela altura eu tinha de gritar. precisava de dizer que me arrependia, que não queria acabar sem metafísica, que me enterrassem com a metafísica e português. arrependia-me do fascismo e de ter sido cordeiro tão perto da consciência, sabendo tão bem o que era o melhor valor, nas sempre ignorando, preferindo a segurança das hipocrisias instaladas, eu precisava de gritar dizendo que queria morrer português, queria ser português, com a menoridade que isso tivesse de implicar, porque fui um filho-da-puta, e merecia ser punido, fiz do meu país um lugar de gente desconfiada, nenhum povo unido, eu precisava que me deixassem morrer inteiro, um monte de peles e carnes derrubadas, mas inteiro, com a vergonha de ter sido conivente e o orgulho de ter percebido tudo. porque eu precisava de morrer consciente, recordando cada minuto do tempo com a minha laura, recordando como se a vida se fizera em torno dela e da família, como me terá parecido que assim devia ser um homem, como assim me havia bastado a cidadania. assente sobretudo no amor. não me tirem a consciência do amor e da sua perda. (MÃE, 2010, p. 285-286)

Sem os familiares o Sr. Silva entende que, mesmo com eles, nunca esteve protegido de nada, pois estiveram sempre acuados e a mercê das arbitrariedades cometidas por uma Polícia treinada para defender o Estado e não a população. Aprende que quando alguém reivindica uma parcela de poder, por menor que ela seja, o melhor é desconfiar, ainda que os motivos

“justifiquem”. Ajudas podem se transformar rapidamente em controle e opressão e o discurso do bem pode legitimar as ações mais condenáveis contra os direitos de qualquer cidadão. Seu aprendizado mais significativo é que não existem super heróis: na luta contra ditaduras instituídas só “a união faz a força”.

Como lembram Beto Guedes e Ronaldo Bastos na composição “Sal da Terra”: “um mais um é sempre mais que dois”. Essa característica se confirmou com a Revolução dos Cravos, quando a adesão nacional e a coragem dos portugueses de finalmente saírem às ruas, demonstrando coletivamente sua insatisfação com o regime salazarista, multiplicaram a força dos soldados que iniciaram o movimento. E, no início deste ano de 2010, no século em que as pessoas se reúnem em inúmeras tribos, de acordo com seus interesses individuais, mas às vezes ignoram o que é do interesse de todos, parece que a realidade confirma, através do fim da ditadura de Hosni Mubarak no Egito, depois de uma inesperada mobilização popular, o que o romance de Walter Hugo Mãe pretende lembrar: que a única maneira de cuidarmos de nós é cuidarmos uns dos outros sem a pretensão de querermos cuidar de todos.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

CARVALHO, Joaquim Barradas de. *Rumo de Portugal. A Europa ou o Atlântico?* Lisboa: Livros Horizonte. 1974.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. 47ed. RJ: Objetiva, [s.d.]

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós modernismo*. RJ: Imago, 1988.

LIMA, Isabel Pires de. “Traços pós-modernos na ficção portuguesa atual. Revista *Semear*, 4. Revista da Cátedra António Vieira de Estudos Portugueses. RJ: PUC-Rio, 2000.

LOURENÇO, Eduardo. “Portugal – Identidade e Imagem”. In: *O labirinto da saudade*. 4ed Lisboa: Dom Quixote, 1991.

----- . “Nós e a Europa: ressentimento e fascínio”. In: *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da moeda, [s.d.]

MÃE, Valter Hugo. *A Máquina de fazer espanhóis*. 4ed. Carnaxide: Objetiva/Alfaguara, 2010.

PIRES, José Cardoso. *E agora, José?* LISBOA: Moraes Editoras, 1977.

VIEIRA, Joaquim. *Portugal séc. XX – crónica em imagens 1970-1980*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

SANTOS, Antonio Costa. *Proibido*. Lisboa: Guerra e Paz, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade”. In: RAMALHO, Maria Irene & RIBEIRO, António (Orgs.) *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos de identidade*. Porto: Afrontamento, 2001. p. 23-85.